



Foto: Heckel Junior

# O semiárido, a caatinga e ações pró-ativas

Sérgio Serafini Júnior<sup>1</sup>

## SEMIÁRIDO

A seca é um fenômeno natural associado às variações climáticas sazonais. É caracterizada pela ausência prolongada ou deficiência acentuada de chuvas, que no Brasil determinam a formação de regiões semiáridas, onde está o bioma caatinga com variedades de espécies animais e vegetais associados à baixa disponibilidade hídrica.

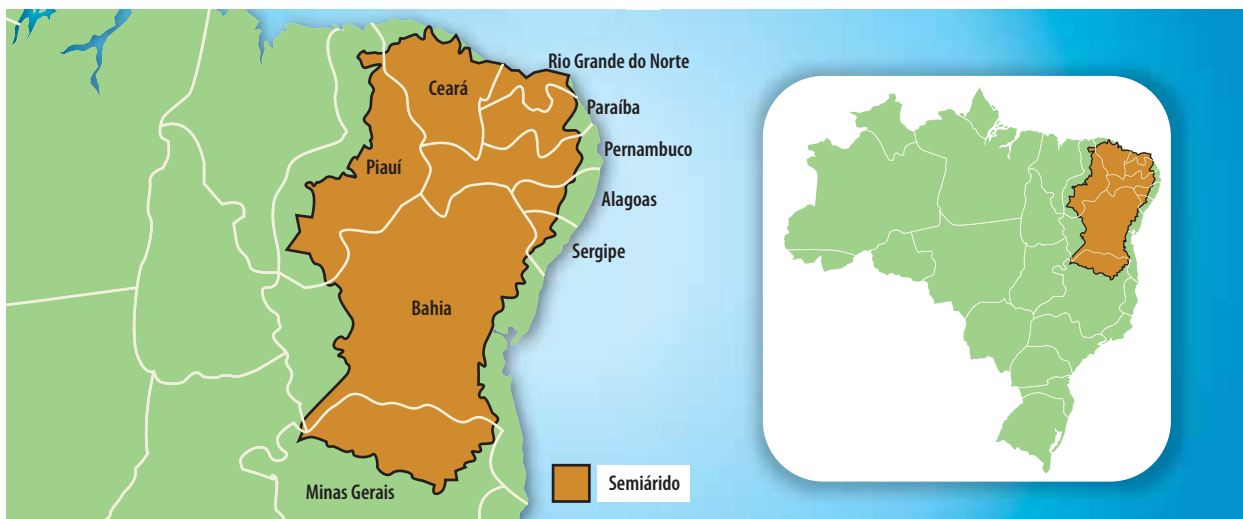
As condições climáticas impostas pela semiaridez do Nordeste são determinantes para os ecossistemas ali existentes e causam problemas para a população daquela região, que já vivencia duras condições, quando submetida à situação de seca prolongada, au-

mentando ainda mais a degradação da caatinga, através do seu uso indevido.

A região semiárida brasileira é delimitada por uma portaria assinada em 2005 pelos Ministérios da Integração Nacional, do Meio Ambiente e da Ciência e Tecnologia<sup>2</sup>, incorporando 1.133 municípios dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (Mapa 1), onde são registradas poucas chuvas anuais, que causam frequentes perdas da produção agrícola e da pecuária, com consequências diretas na economia local.

1 – Geógrafo, USP, São Paulo - SP; e-mail: serafini@areclima.com

2 – Portaria Interministerial N° 1, de 09 de março de 2005 dos Ministérios da Integração Nacional, do Meio Ambiente e da Ciência e Tecnologia.



Fonte: Agência Nacional de Águas (ANA)/Ministério da Integração

## A CAATINGA

Mesmo reconhecido como um bioma, a Caatinga sequer foi indicada na Constituição Brasileira de 1988 como um patrimônio nacional. Tal situação também acontecia com o Cerrado, refletindo, naquela ocasião, o valor secundário dado ao acervo ambiental brasileiro presente nesses dois biomas.

Na caatinga (Figura 1), a formação de pastos é o principal impacto antrópico causado naquele ambiente. Isso acontece porque a primeira ação para serem implantados, é a retirada da vegetação nativa para produção da lenha e carvão. Só depois essas áreas são transformadas em pastagem extensiva, provocando a degradação do solo e aumentando ainda mais os danos ambientais locais causados pela deficiência hídrica típica do semiárido. De modo geral, a substituição da caatinga pela pastagem (Figura 2),



Figura 1 – Caatinga típica da região semiárida nordestina.

Foto: Autor (2011)



Figura 2 – Área de caatinga modificada para implantação de pastagem no município de Pintadas-BA

Foto: Autor (2011)

solar, com efeitos nocivos aos ecossistemas associados, fortalecendo ainda mais o processo de ressecamento do solo.

Em casos mais críticos dessas ações, dá-se início ao processo de desertificação que, para o professor José Bueno Conti da Universidade de São Paulo, pode ser entendida “como um conjunto de fenômenos que conduz determinadas áreas a se transformarem em desertos ou a eles se assemelharem. Pode, portanto, resultar de mudanças climáticas determinadas por causas naturais ou pela pressão humana sobre ecossistemas frágeis” (CONTI, 1995).

Portanto, a desertificação é um impacto ambiental também causado pelo homem, através da exploração incorreta e intensa de ambientes frágeis, aumentando ainda mais os danos ambientais causados pela seca. Isso traz consequências diretas à biodiversidade e à qualidade de vida da população local, associadas ao desmatamento, ao maior ressecamento do solo, à perda da sua fertilidade e ao aumento das erosões. Já percebendo a interferência do homem nas condições climáticas da região semiárida, o escritor Euclides da Cunha em sua obra “Os Sertões” (publicado pela primeira vez em 1897), apontava que o homem assumira em todo o decorrer da sua história, o papel de “fazedor de desertos”.

Pelas condições limitantes impostas pelo clima, o semiárido é uma região que desencadeia dinâmicas sociais e econômicas

muito particulares, enfrentada pelo sertanejo como estratégias de sobrevivência para manter-se como tal; e isso é mais evidente após um longo período de estiagem. Tal condição contribui para que o campo seja abandonado e as áreas urbanas sejam ocupadas como destino final dessa população, em busca de maior possibilidade de suprimento de suas necessidades de água e, conseqüentemente, que alcance melhor qualidade de vida.

Entretanto, aqueles que ficam no campo, enfrentam grandes dificuldades numa área degradada pela deficiência hídrica e pelo uso pouco (ou nada) planejado. Esses problemas afetam diretamente o produtor rural local, que tem sua qualidade de vida ainda mais reduzida, aumentando a demanda por ações práticas e efetivas para o desenvolvimento sustentável dessa região.

## AS AÇÕES

A partir da consciência de que há uma grande diversidade geográfica, social e cultural associada às características climáticas da região semiárida, em 2011 foi realizado no município de Pintadas (Bahia), o projeto Água do Sertão. Nesse projeto, foram construídas 41 cisternas (Figura 3) em propriedades rurais para o uso familiar, além de providenciar a limpeza de 68 pequenos açudes armazenados para que pudessem

de água no período das chuvas para abastecimento do gado e irrigação. O projeto Água do Sertão foi criado e realizado pela Nestlé, destinado aos moradores locais da área rural como parte de uma plataforma mundial de responsabilidade social desenvolvida por esta companhia, com o objetivo de proporcionar a redução dos impactos sociais causados pelos longos períodos de estiagem.



Figura 3 – Etapas de construção das cisternas instaladas no município de Pintadas-BA.

Foto: Autor (2011)

## OS RESULTADOS

Além das construções das cisternas e limpeza dos açudes, também foram realizadas atividades complementares de educação ambiental junto a população local, através de oficinas de artes plásticas, dança e teatro, desenvolvidas com alunos da rede pública de ensino municipal, no povoado pintadense do Coração de Jesus (Figura 4). Foram atividades culturais com a proposta de valorização da importância da água e os cuidados necessários para manutenção das cisternas, compartilhando valores sociais e comunitários e de conscientização social e ambiental local (Figuras 5, 6).

Embora a semiaridez nordestina seja uma característica climática daquela região, deve inspirar condutas técnicas e sociais adequadas ao objetivo de melhorar o aproveitamento dos recursos



Figura 4 – Peça de teatro encenada aos alunos da rede pública de ensino de Pintadas, como parte das atividades complementares propostas pelo projeto “Água no Sertão”.

Foto: Autor (2011)

naturais ali disponíveis (principalmente o da água), respeitando-se os limites naturais típicos daquele ambiente em face às imposições naturais do clima.

Com base nos resultados obtidos com o projeto Água no Sertão, foi possível constatar a importância que propostas alternativas têm na busca de se amenizar os problemas causados pela seca, como são as cisternas construídas no município de Pintadas e que proporcionaram

uma melhoria da qualidade de vida e no desenvolvimento local.

Para isto, deve-se adotar a vivência do sertanejo como a principal plataforma de referência para o desenvolvimento de estratégia de enfrentamento da realidade vivida por eles; pois é a partir dessa vivência e também dos valores sociais e comunitários compartilhados, que novas propostas surgem ainda mais adequadas à realidade local. Isso é possível.



Foto: Autor (2011)

Figura 5 – Cenário de peça teatral valorizando a importância da água nas cisternas apresentada no município de Pintadas-BA, como parte do projeto “Água no Sertão”.



Foto: Rita Boccato (2011)

Figura 6 – Pannel pintado por crianças do ensino fundamental no município de Pintadas-BA, representando a importância da preservação da cisterna (no detalhe).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Portaria Interministerial, n° 01, de 09 de março de 2005. Atualiza os critérios que delimitam a região Semiárida do Nordeste. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2005.
- CONTI, J. B. *Desertificação nos trópicos*: proposta de metodologia aplicada ao Nordeste brasileiro, Tese de Livre Docência – USP, São Paulo, 1995.
- CUNHA, E. da. *Os Sertões*. 39. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997. 654p.